

3 Conclusão

Todas as dores podem ser suportadas se você as puser numa história ou contar uma história sobre elas.⁵⁸

É a partir dessa citação feita por Isak Dinesen, contidas em uma coletânea sobre pequenas biografias, que Arendt nos fala da importância que, em tempos sombrios, obras, pessoas e atos possuem de iluminar a vida. Mesmo que essa luz seja apenas uma faísca, um ponto incerto bruxuleante, fraco; ou algo forte, incandescente, que clareie de forma a nos ofuscar os olhos, o que conta é que, seja qual for a intensidade da chama que ilumina, ela permita que resistamos em momentos onde tudo parece imerso em escuridão.

O que verdadeiramente importa é que tal iluminação pode bem porvir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e frequentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na Terra.⁵⁹

Assim, o mesmo poderia ser dito sobre a obra de Hannah Arendt que, vivendo em tempos sombrios e compartilhando das incompreensões de um mundo em ruptura, buscou iluminar os acontecimentos de forma a se reconciliar com o mundo. Esse reconciliamento nada tem a ver com o perdoar no sentido de eximir os responsáveis pelos erros cometidos, mas em buscar compreender os acontecimentos a partir de sua própria luz de significação, revelando o sentido, a partir do contar histórias, que busca fugir da perecibilidade do tempo e que com sucessões de agora destrói qualquer tentativa de permanência.

Ao narrar, conferimos durabilidade aos acontecimentos e os tornamos dignos de permanência no tempo, permitindo que determinados eventos, pessoas ou obras, continuem contendo a capacidade de suscitar em nós o espanto, a admiração e a perplexidade para além do próprio momento de existência, de

⁵⁸ ARWNT, *Homens em Tempos Sombrios*; p. 95

aparecimento no mundo, tornando possível que sua voz ainda ecoe mesmo após o seu desaparecimento.

Compreendo, portanto, dessa forma, o trabalho de Arendt como uma tentativa de lançar luz sobre o momento tumultuado que vivenciou, onde buscou compreender os acontecimentos em sua singularidade, construindo um olhar mais atento ao que é distinto e não ao que é recorrente, ao igual, mesmo sabendo que o processo de compreensão se constrói a partir de dois movimentos: o de aproximação, pelo caráter de mundanidade contido nele, e o de afastamento, proporcionado pelas inquietudes com que se depara, pelo caráter de excentricidade, do extraordinário que escapa ao comum dos acontecimentos.

Arendt busca nessa sua visão de um espírito compreensivo, a reconciliação com o mundo, tornando os acontecimentos, seja pela perspectiva filosófica seja pela histórica, humanos. Aproxima os homens do mundo, de sua incompletude e imperfectibilidade. Humaniza a compreensão, tirando-lhe a pretensão de um ponto de vista mais correto que seria sustentado a partir de um lugar de fora, de um não-contato com o mundo e com os homens. Não importa que esse ponto arquimediano de observação seja a visão supra-sensível do filósofo, ou a visão processual de uma História que busca dar conta da totalidade.

Arendt busca se reconciliar com o mundo em seus fragmentos, pois este sempre nos chega fragmentado, assim como nossa posição no mundo também sempre é perspectiva e portanto fragmentada. Não busca, portanto, um domínio sobre o que quer que incida o seu pensamento. Nada pretende capturar, nem tampouco se lamenta por essa incompletude, pois compreende a própria vida como uma brecha no tempo, um acaso que nos permite compartilhar com outros seres de um mesmo mundo que existe e continuará existindo depois de nossa partida. Mas eleva a dignidade humana ao referir-se a nós como os responsáveis por esse mundo que compartilhamos, nos dizendo de nossa tarefa em cuidar dele. Para isso nos é necessário que aceitemos o momento como eterno, que reafirmemos a vida naquilo que nos apresenta, deixando de nos lamentar pelo que fomos ou de suspirar pelo que não somos.

Essa sua postura nada tem de resignada, pois, ao contrário, somente afirmando a vida, o presente, é que poderemos voltar nossos olhos para o passado na tentativa de escutar outras vozes que nos falam, recuperando os tesouros

⁵⁹ ARENDT, H. *Homens em Tempos Sombrios*, p. 9.

perdidos do passado, assim como podemos re-afirmar uma vontade, ou re-atualizar uma lembrança. Nesse sentido, o eterno retorno, a volta às coisas mesmas, seria o mesmo que dizer que pensar é sempre, em última instância, um eterno re-pensar.

O movimento de recuperação do presente caminha lado a lado com a aceitação do passado e este, por sua vez, deixa de ser uma instância parada no tempo intacta e ganha vida não pelo presente, pois permanece presente no próprio presente, só que submerso, necessitando apenas que alguns pescadores de pérolas se lancem ao mar e as transformem numa história digna de ser narrada, suscitando em nós a mesma sensação trágica da experiência.

O que me despertou o interesse, ao primeiro contato com as obras de Arendt, foi sua preocupação com o mundo e com a pluralidade humana.

Toda a sua obra, de uma certa forma, permeia-se de uma preocupação ética. Mas, o que mais me impressionou, foi a sua preocupação em recuperar a dignidade humana. “Dando a César o que é de César”, proporcionou à filosofia, à história e à política um lugar no mundo, pois estas pertencem às reflexões do espírito humano e como tais são perspectivas, parciais, falhas, incompletas, inconclusas, sendo que nenhuma delas deveria ter a pretensão de chegar à perfectibilidade, ocupando uma posição acima das próprias ações humanas.

O que os homens pretendem, uma vez que são envolvidos pela angústia de sua própria finitude, é construir algo que possa permanecer após sua própria morte, tornando esse mundo habitável para aqueles que ainda irão chegar.

Com certeza, o mundo seria menos suportável se hoje não pudessemos ter acesso aos escritos de Arendt, a sua obra, a qual conseguiu permanecer, apesar das intempestividades do tempo, após a sua morte.

Com isso não estou querendo dizer que ela tenha deixado qualquer ensinamento de como devemos agir ou a respeito de nossas deliberações éticas, pois, como havia dito, seu pensamento é destrutivo e não construtivo. Todavia, é essa própria aceitação de incompletude que faz com que não nos rebelemos contra o que de humano possamos ter e nos lancemos num mar de fúria contra o próprio mundo e o próprio homem, na tentativa desenfreada de agarrar nas mãos o todo e o tudo, dominando a vida, “querendo ser mais perfeito que o criador”. O que Arendt nos diz é que não se deve buscar a onipotência, a onipresença ou a onisciência em nome da superioridade de um Deus criador em detrimento de uma

imperfectibilidade humana, mas conferir valor ao que é humano, não como valores invertidos, mas deixando de lado o mundo dicotomizado, cujo parâmetro ainda é divino.

Devemos aceitar o humano que somos, pois é a partir dessa aceitação que poderemos nos lançar na tarefa de compreender o que nos cerca sem a presunção e a soberba, sem a resignação e a humilhação, sem a pretensão de sermos mais ou menos humanos, mas aceitando todas as infinitas diversidades que compõem o estar vivo e sem abstermo-nos, com isso, de um julgamento. Ao contrário, é necessário que nos posicionemos no mundo, afirmando a vida e garantindo, com isso, a existência do mundo e a sua permanência.

O presente trabalho ainda possui pontos a serem aprofundados e que não o foram justamente por causa do tempo, o qual, sobretudo nessa árdua tarefa de escrever uma dissertação, não se dá a si mesmo o próprio tempo das coisas.

Sendo o pensamento de Arendt não sistematizado, ordenado, sua obra, que, a exemplo desse mesmo pensamento, apresenta idas e vindas no tempo, tornou-se fragmentado e de difícil estruturação em uma sequência clara de raciocínio. Considerando que a minha preocupação maior era com sua visão sobre a história e não tendo Arendt deixado nenhum escrito de maior volume sobre a história propriamente dita, além de um artigo sobre o conceito de antigo e moderno na história, presente no livro *Entre o passado e o futuro*, aquilo que seriam as suas próprias considerações a respeito do elo entre o julgar e a história na Vida do Espírito ficou inacabado. Portanto, o que podemos fazer é tentar compreender as suas reflexões como um experimento de pensamento, resgatando a sua vida e obra da perecibilidade do tempo, mergulhando nas suas profundezas a fim de arrancá-lhe o rico e o estranho.